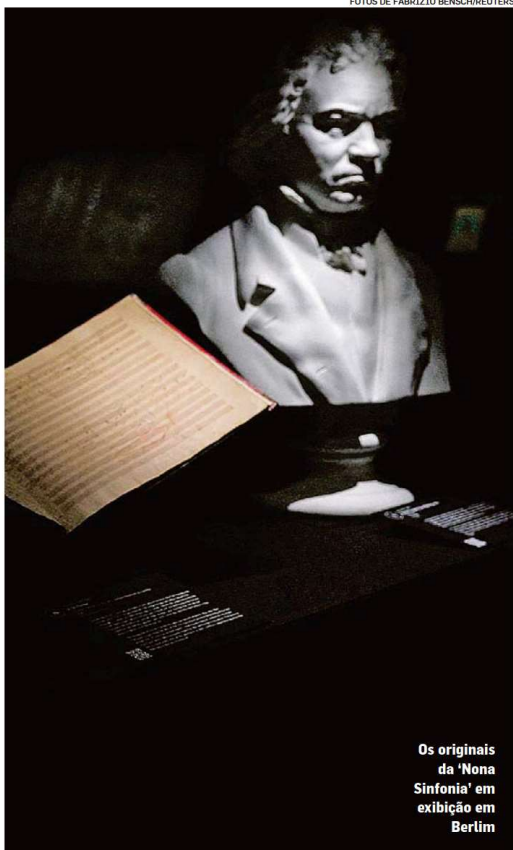


FOTOS DE FABRIZIO BENSCH/REUTERS



Os originais da 'Nona Sinfonia' em exibição em Berlim

☉ Lítico ou cultural. Debruça-se sobre o concerto mítico daquele 7 de maio de 200 anos atrás em Viena para recriá-lo em todas as minúcias. E entrega o que promete: um raio X que desmonta versões reproduzidas em muitos livros e vários filmes. Aliás, um dos melhores é *O Segredo de Beethoven*, de 2006, com Ed Harris ótimo no papel-título – o roteiro se permite uma monumental licença poética ao inventar uma assistente glamorosa que o ajuda a compor a sinfonia (nem ela nem o romance jamais existiram).

Albrecht me lembra um Sherlock Holmes com sua lupa examinando com minúcias inimagináveis cada detalhe daquele dia. Aliás, ele conta a história desde o início de 1823, quando o compositor teve a ideia de faturar uma bolada dos endinheirados ingleses com uma nova obra.

Vou me concentrar no dia 7 de maio de 1824. Como era seu hábito, Beethoven acordou cedo. Seu querido sobrinho Karl saiu às 8 horas para fazer plantão na bilheteria do Teatro Kärntnertor. Seu factótum Anton Schindler chegou em seguida e pediu-lhe um punhado de ingressos para o concerto daquela noite. Foi ao barbeiro. Já na hora do almoço, Karl chegou entusiasmado com o

guntou-lhe se havia mais amadores no concerto. Schindler negou, mas acrescentou: “Perdoe-me por notar que esta sinfonia é de fato uma exceção em relação às anteriores, e você mesmo deve admitir que é a mais grandiosa e a mais difícil”.

EM PÚBLICO. Desse momento até o retorno à casa após o concerto, o caderno de conversação que Beethoven mantinha consigo não registra mais nada. Isso comprova, segundo Albrecht, “que, na maior parte dos casos, Schindler e o público que estava assistindo poderiam falar em voz alta a sua parte das conversas e que Beethoven poderia responder oralmente. Isso fornece uma nova imagem de Beethoven em público durante esse período”. Simplificando: ele não estava totalmente surdo, podia falar com qualquer um desde que o interlocutor falasse mais alto que o habitual. Nem estava malvestido ou com o cabelo desgrenhado.

O concerto começou às 19 horas. Beethoven e Schindler chegaram ao Teatro Kärntnertor às 18h15. Foi um programa curto em relação aos habituais, de 4 a 6 horas cada um. Era difícil a qualquer compositor viabilizar uma apresentação. Ele precisava fazer anúncio em jornal, pedindo subscrições para arrecadar o suficiente para bancar copistas, responsáveis pelas cópias da partitura e das partes dos naipes de cada obra, assim como alugar o teatro e contratar os músicos. Por isso, os programas empilhavam piano solo, canções, música de câmara, concertos com orquestra, música religiosa, sinfonias.

Talvez pelo prestígio de que ele já desfrutava, a academia daquele 7 de maio foi curta, pouco mais de duas horas. Pela ordem: *Abertura Consagração da Casa op. 124* (12’); *Kyrie* (10’); *Credo* (20’); e *Agnus Dei* (15’); da *Missa Solemnis op. 123*, intervalo – e a *Nona op. 125*.

“A orquestra estava situada no palco com o maestro no centro”, escreve Albrecht. Os solistas vocais provavelmente estariam à sua frente, com Beethoven (e uma estante separada para sua partitura) perto de Caroline Unger. O coro ficou no fosso, na frente do palco, provavelmente voltado meio para trás, para poder observar o maestro.

Em seguida, Albrecht mistura um pouco de suposições com fatos comprovados. Diz que Beethoven “provavelmente” subiu ao palco com o maestro Michael Umlauf antes da abertura. Mas é incisivo ao afirmar que ele “não parecia um gênio desgrenhado”. “Em vez disso, exibiu um novo corte de cabelo (ainda visível no retrato de Decker de 27 de maio), estava barbeado e banhado e – com casaco preto ou verde – estava vestido a caráter. Um-

Beethoven em cinco frases

“Não sou cruel – o sangue fogo é toda a minha malícia, e meu crime é a juventude. Ainda que turbulentos vagalhões sempre deponham contra o meu coração, meu coração é bom. Para ajudar onde for possível, amar a liberdade acima de todas as coisas, nunca negar a verdade, mesmo ao pé do trono!”

No álbum de um amigo, 1792

“Deveria haver um único Mercado de Arte no mundo; o artista simplesmente enviaria as suas obras e receberia tanto quanto necessita; do modo como as coisas são, cada um deve ser meio comerciante acima de tudo, e a sensação que isso desperta – por Deus! – é lastimável!”

Carta a Franz Anton Hoffmeister, 15 de janeiro de 1801

“Nunca mostre abertamente a todos os homens o desprezo que eles merecem, pois nunca se sabe quando se há de precisar deles”

Caderno de Anotações, 1814

“Destino, mostra teu poder! Não temos domínio sobre nós mesmos; o que quer que tenha sido determinado deve ser, e que seja então! Viva apenas em sua arte! Embora esteja atualmente limitado por causa dos sentidos (defeituosos), esta é contudo a única forma possível de existência”

Caderno de Anotações, 1816

“A calma e a liberdade são as mais preciosas de todas as posses”

Caderno de Anotações, 1817

lauf ficou na frente da orquestra para reger, Beethoven aparentemente de costas para o público, com outra partitura à sua frente. Ele pode até ter indinado os andamentos iniciais para cada movimento, mas isso teria sido mais para demonstrar sua participação pessoal no concerto do que por qualquer necessidade real.”

APLAUSOS. Uma das lendas mais repetidas sobre essa primeira execução da *Nona Sinfonia* conta que, no final da apresentação, Caroline Unger pegou o totalmente surdo Beethoven pela manga e apontou-o para o público, para que pudesse ver os aplausos.

“Os relatos desse incidente são contraditórios”, anota Albrecht. “Schindler contou que no final da apresentação, Unger virou o surdo Beethoven para que pudesse ver os aplausos. Em 1869, em Londres, a própria Caroline Unger (1803-1877) disse a George Grove que na ocasião ele continuou de pé, de costas para o público, e marcando o tempo, até que o virou, ou o induziu a se virar e encará-lo as pessoas que estavam batendo palmas.”

Nove anos antes, em 1860, o biógrafo americano de Beethoven, Alexander Wheelock Thayer, conheceu o pianista Sigismund Thalberg (1812-1871), maior rival de Franz Liszt, que, aos 12 anos, assistiu àquele concerto. Thalberg, que também estava presente no concerto, afirmou que Beethoven “estava com fraque preto, lenço de pescoço e colete brancos, meias de seda pretas, sapatos com fivelas”. Após o Scherzo da *Nona Sinfonia*, ele o puxou pela manga e apontou para o público; ele então se virou e fez uma reverência.

Albrecht argumenta que, do ponto de vista musical, esse incidente não faz sentido. Beethoven teria percebido, “através de sua audição existente, embora fraca e vibratória”, quando a música parou e o ambiente visual geral mudou. E conclui: “Beethoven nunca teria continuado a virar as páginas e Unger nunca o teria virado nessas circunstâncias”.

Esses e outras centenas de exemplos sepultam muitas histórias repetidas nestes dois séculos – e que não resistem à pesquisa de Albrecht. Esse livro é resultado de uma vida dedicada à garimpagem de fatos e informações que clareiem um pouco mais os detalhes daquela mítica sexta-feira de 200 anos atrás.

Naquela noite, nascia uma obra-prima atemporal, que soa contemporânea a cada vez que é interpretada. Justifica-se plenamente, portanto, a criteriosa pesquisa de décadas de Theodore Albrecht. Os fatos em relação à *Nona* não parecem mais tão fantasiosos, têm cheiro de fatos reais. ●



Manuscrito

Capa da edição original da partitura remete à noite em que se ouviu a obra pela primeira vez, recriada em novo livro de Theodore Albrecht

volume de ingressos vendidos. Como não o encontrou, deixou-lhe um bilhete: “Querido tio! Como devo estar na bilheteria às 3 horas, comi rápido, porque memoraria muito para esperar por você. Nos vemos esta noite. (...) Houve até brigas nas filas”.

Depois do almoço, Schindler voltou contando que os ensaios não estavam indo bem: a soprano Gertrude Walpurgis Sontag, de apenas 18 anos, e a contralto vienense Caroline Unger, de 20, deixaram enfurecido o maestro Michael Umlauf. Sarcástico, Beethoven per-